

A expansão dos abrigos

Katia Cantón

Livro das telhas é um projeto conceitual. Virtual e, ao mesmo tempo, pleno de materialidade. Sua matéria-prima é a telha de barro, elemento básico na construção de uma habitação, nos telhados de nossas casas e nos refúgios de nossa imaginação.

A obra é um arquivo de histórias, lembranças e memórias coletivas, organizadas em videoinstalações, com esculturas, som e projeções visuais em movimento, tratando da necessidade primária dos seres humanos de se abrigarem. É também um corpo vivo e interativo, um *webwork* que discute, provoca e redefine o espaço que acolhe o mundo cibernético. Em *Livro das telhas*, todas essas realidades se erguem e se articulam simultaneamente em camadas narrativas que se descascam e se desvelam aos olhos e gestos do leitor. Tudo se desdobra de um painel eletrônico, o *Noticiário da tartaruga*, que conecta o mundo externo, a cidade, ao mundo interno das experiências de arte e de vida, o abrigo.

Livro das telhas é uma ampla discussão acerca da sensação de nos sentirmos seguros. Na realidade contemporânea – marcada, de um lado, pela tecnologia dos endereços virtuais e, de outro, pela miséria daqueles que não têm onde morar e por guerras étnicas que provocam a privação de moradias e movimentos migratórios e clandestinos –, a noção de espaço, lar, lugar onde viver, perde a habitual demarcação geográfica, desgarrar-se de um ponto fixo e cai na rede elástica das incertezas geradas pela globalização.

As telhas de Josely Carvalho são teias. Teias porque mantêm uma forma circular e crescente que acompanha a incessante busca de abrigo ao longo da humanidade. E se movem em espiral como o infinito; formam um labirinto na maneira como abrem portas, expõem fragmentos e frestas da realidade, interrompem o tempo linear e revelam outro em suspensão, denso, ilimitado como as próprias possibilidades que se apresentam à experiência humana.

Livro das telhas é feito de acúmulos. Trata-se da junção tanto simbólica quanto literal das páginas de um diário que a artista constrói, teimosa e incansavelmente, desde o início de sua carreira. O trabalho de Josely sempre se baseou em seu *Diário de imagens*. Fonte primária de criação, esse diário é o repositório das percepções externas e o local em que estas são negociadas internamente e se transformam em obras pungentes. Nele está contida, por exemplo, a imagem emblemática da tartaruga, símbolo da passagem do tempo, da história impressa nas ranhuras do casco, nas telas de uma sobrevida que ressoa e se expande para abarcar a vida de todos nós. Ou a série *Cirandas*, instalação baseada em histórias reais de crianças de rua, mortas violentamente em Chicago e no Rio de Janeiro.

Josely Carvalho não desperdiça ou desconsidera qualquer experiência. O projeto *Livro das telhas* decorre da instalação *Códex: dos sem-teto*, realizada no Paço das Artes, em

São Paulo, em 1997. Esta obra se compõe de três mil telhas dispostas de forma cilíndrica sobre o chão, em alusão às primeiras moradias dos nativos indígenas. Sua forma segue também uma disposição que facilita a passagem do chão para o teto, conferindo à obra de arte uma extensão do trabalho dos carregadores de telhas nas construções.

O título da instalação expande as possibilidades de leitura e atribui a “dos sem-teto” o caráter de construção da tensão. Sob a forma de denúncia social, a obra alude ao épico e indecente problema da falta de moradia no Brasil, por meio de um objeto simbólico que o soluciona. Telhas ordenadas são metonímias de lar, de abrigo, mas também fragmentos da construção das histórias da própria artista.

Outra instalação incorporada pela artista ao longo do tempo é *Sobre os Xetá I*, realizada originalmente na Tyler School of Art, na Filadélfia, em 1998. Em um vídeo, a obra reconta as lembranças de sua infância no Paraná, em que, nas matas de araucárias, viviam os habitantes da tribo Xetá, cujos hábitos cotidianos remontavam à Idade da Pedra. Hoje, com a tribo extinta, o gado pasta sobre terras desmatadas e escuta-se falar de uma mulher xetá que ainda vive em um manicômio.

Josely Carvalho associa todas as suas vivências. Suas obras nos convidam a participar de imagens, textos e subtextos de histórias que se constroem fundamentalmente nos abrigos da memória. A força que têm reside justamente na pungência e na maneira como a artista recusa a se instalar em uma única categoria.

A obra de Josely Carvalho transborda, provoca, instiga a tudo e a todos. Elaborase no confronto entre o acúmulo de experiências e a síntese de uma arte que reclama a vida. O abrigo nômade e físico da tartaruga, a falta de moradia das crianças de rua, a extinção das tribos indígenas, o problema da habitação popular, as guerras étnicas, a destruição de lares e o êxodo de pessoas desprovidas de um lugar para viver são instrumentos de um comentário sintético e efervescente sobre a própria vida. A artista fala em nome próprio e nós nos tornamos parte do que se obra.